

Algumas observações sobre a descrição das construções impessoais em português numa perspectiva comunicativa¹

Liliane Santos

Université de Lille
CNRS, UMR 8163, F-59000 Lille, France
liliane.santos@univ-lille.fr

Resumo: Neste trabalho, apresentamos algumas observações sobre a descrição das construções impessoais em português no quadro da gramática comunicativa, isto é, uma gramática que se dirige especialmente aos aprendizes de língua não materna e que tem por objetivo a inclusão, na descrição do funcionamento da língua, dos processos e fenômenos discursivos e comunicativos. Utilizando um *corpus* misto, que contém tanto exemplos fabricados quanto ocorrências autênticas, procuramos identificar estratégias linguísticas e enunciativas, além de fatores pragmáticos e sociolinguísticos que determinam a escolha, pelo locutor, das construções em questão, fazendo regularmente referência a suas características morfossintáticas.

Como citar este capítulo:



Santos, Liliane (2025): «Algumas observações sobre a descrição das construções impessoais em português numa perspectiva comunicativa», in: Johnen, Thomas/ Santos, Liliane/ Schmidt-Radefeldt, Jürgen (eds.): *Gramática Comunicativa e Ensino de Português Língua Não Materna num Mundo Multilíngue: Estudos In Memoriam do Professor Doutor João Malaca Casteleiro*. Zwickau: Westsächsische Hochschule Zwickau, Fakultät Angewandte Sprachen und Interkulturelle Kommunikation (ZwIKSprache; 6), 292-321. ISBN: 978-3-946409-07-6; DOI: 10.34806/9783946409076-I

¹ Este trabalho retoma e aprofunda o conteúdo de trabalhos anteriores (Santos 2011, 2012, 2013a; 2013b) e, em suas linhas gerais, corresponde à comunicação apresentada por ocasião do 10º Congresso Alemão de Lusitanistas (10. Deutsche Lusitanistentag) em setembro de 2013 (ver Santos, 2013b). Por respeito ao Prof. Malaca Casteleiro, decidimos guardar o conteúdo apresentado em sua presença e com ele discutido.

Palavras-chave: Construções impessoais; Português Língua Não Materna; Gramática Comunicativa.

Zusammenfassung: In diesem Beitrag werden einige Beobachtungen zur Beschreibung unpersönlicher Konstruktionen im Portugiesischen im Rahmen einer kommunikativen Grammatik vorgestellt – im Rahmen einer Grammatik also, die sich besonders an nicht-muttersprachliche Lernende richtet und die in die Beschreibung der Sprache und ihrer Funktionen diskursive und kommunikative Phänomene einbeziehen möchte. Auf der Grundlage eines Corpus aus authentischen und konstruierten Beispielen sollen die sprachlichen und Äußerungsstrategien sowie pragmatische und soziolinguistische Faktoren identifiziert werden, die für die Wahl bestimmter Konstruktionen durch den Sprecher ausschlaggebend sind. Dabei werden auch die morphosyntaktischen Charakteristika einbezogen.

Schlagwörter: unpersönliche Konstruktionen; Portugiesisch als Fremd- und Zweitsprache; Kommunikative Grammatik.

1 Introdução

Retomando uma discussão anterior (cf. Santos 2011, 2012, 2013a, 2013b), da qual reexaminamos exemplos e análises, apresentamos, neste trabalho, alguns elementos que, de nosso ponto de vista, devem ser levados em consideração para uma descrição das formas de expressão da impessoalidade em língua portuguesa, de acordo com os pressupostos teóricos da gramática comunicativa. Em outros termos, nossa descrição pretende situar-se no interior de uma proposta de descrição dos fatos gramaticais especialmente voltada para o ensino-aprendizagem de língua não materna, descrição na qual as

intenções comunicativas e enunciativas do falante ocupam um lugar central, pois o que se considera importante é a capacidade do aprendiz em criar enunciados pragmaticamente aceitáveis e não somente gramaticalmente corretos, como ocorre nas propostas tradicionais de ensino de línguas não maternas, que trabalham com o método “apresentação-prática-produção” (Cunha/ Santos 2021).

Assim, observaremos mais de perto construções nas quais o sujeito verbal é representado por:

- *alguém,*
- *tu/você,*
- *a gente/nós,*
- *todo (o) mundo, as pessoas, 3ª pessoa do plural*
- *se/Ø*

Nossa descrição mostrará que, na escolha da estratégia comunicativa, diferentes fatores – como o tipo de generalização que se pretende alcançar, a abrangência do referente do sujeito, assim como a inclusão ou não do locutor ou do interlocutor entre os referentes do sujeito –, além de fatores sociolinguísticos (como o registro, a faixa etária e a classe social do locutor) devem ser levados em consideração na descrição do uso das construções impessoais em português.

Tendo em vista que, geralmente, as gramáticas e os manuais didáticos tratam a língua como um sistema de regras de combinação de palavras para formar frases, a *impessoalidade* – como, aliás, os demais fatos gramaticais – recebe um tratamento por “grandes famílias de palavras” (Matte Bon 1995: VII), o que provoca ao menos um problema importante: o tratamento em unidades isoladas de

fatos que poderiam – e deveriam, e mereceriam – ser reunidos. Dessa opção metodológica decorre a impermeabilidade entre os diferentes pontos da descrição, cuja inter-relação não se percebe.

Além disso – ou justamente por isso –, o tratamento dado à impessoalidade pelos manuais didáticos concentra-se geralmente nos chamados *verbos impessoais*, com *haver* e *fazer* como paradigmas. De modo semelhante, os estudos linguísticos sobre o fenômeno muitas vezes prendem-se a um único aspecto da questão – por exemplo, entre inúmeros outros, as “orações impessoais” (Franchi/ Negrão/ Viotti 1998), o “sujeito nulo” (Barbosa/ Duarte/ Kato 2005; Carrilho 2003; Gonçalves 2002), os “sujeitos indeterminados” (Duarte/ Kato/ Barbosa 2001). E, mesmo quando escolhem um ponto de vista mais abrangente (cf. Ilari 2010), tais estudos têm geralmente pouca ou nenhuma influência sobre a produção de materiais didáticos para o ensino de Português, seja como língua materna, seja como língua não materna. No entanto, como se sabe, as formas de expressão da impessoalidade são múltiplas e variadas, assim como múltiplos e variados são os papéis e as atitudes do locutor, elemento essencial para a definição das diferentes nuances de cada uma das estratégias utilizadas e dos operadores escolhidos.

Para nosso trabalho, escolhemos um *corpus* misto, composto de exemplos autênticos e exemplos fabricados, alguns dos quais resultam da manipulação e/ou adaptação de ocorrências autênticas. Apesar das inúmeras críticas que se pode fazer ao uso de exemplos fabricados, acreditamos que devem ser usados quando se deseja (a) focalizar a atenção num ponto ou elemento preciso da descrição

e/ou (b) fazer emergir características que não aparecem nos exemplos autênticos.

2 Pressupostos teóricos: gramática comunicativa e estratégias

Tomamos como ponto de partida a ideia de que “aprender uma língua significa aprender a se comunicar” (Wilkins 1974: 3, nossa tradução), mas não apresentaremos aqui uma discussão aprofundada sobre o que é a gramática comunicativa, discussão para a qual remetemos a trabalhos anteriores (Santos 2008, 2011, 2012). Neste trabalho, somente destacaremos os elementos que consideramos mais importantes, começando pela observação de que a descrição da gramática de uma língua não se reduz à descrição do “sistema da língua” – seja no sentido tradicional, seja no sentido estruturalista. Como indica Suso López (2004),

A descrição da gramática de uma língua deve integrar tudo o que esteja envolvido no funcionamento da língua em situação de comunicação: as regras derivadas dos usos, as regras segundo as quais a comunicação ocorre, as modalidades dos discursos e dos textos que os locutores interiorizaram e que utilizam continuamente [...]. Neste sentido, possuir a “gramática” de uma língua equivale a possuir uma competência interiorizada dessa língua (Suso López 2004: 203, nossa tradução).

Nessa mesma linha de pensamento, Matte Bon (1995) define *gramática comunicativa* como

uma gramática que se baseia na análise do funcionamento dos idiomas a partir de uma perspectiva que leve em conta a comunicação; [uma gramática] em que se analisam todos os matizes e em que nada se dá por conhecido; em que se reconhece um novo papel central às interpretações dos enunciados analisados, como base para a compreensão do funcionamento do sistema. Também é **uma gramática que situa os interlocutores e a interação no centro da análise**. [Nesta perspectiva] adquire, portanto, importância fundamental o modo como os falantes dizem as coisas, em cada situação, de acordo com suas intenções comunicativas (Matte Bon 1995: VI, nossa tradução, sublinhado pelo autor).

Sendo assim, trata-se de uma gramática para aprendizes estrangeiros que inclui *necessariamente*, na própria descrição dos fatos da língua, o contexto de utilização (ou situação de comunicação) e locutores concretos – e diversos. Em outros termos, trata-se de *uma gramática que se constrói a partir e em torno dos processos, não das categorias* – o que significa que, se não renuncia às categorias gramaticais, essa perspectiva permite que emergjam categorias que a gramática tradicional desconhece. Dito de outro modo, trata-se de *uma gramática do discurso e não do código*.

No interior desse quadro teórico, convém definir o conceito de *estratégia linguística/enunciativa*, crucial para nossa descrição. Utilizaremos, aqui, uma dupla definição: por um lado, a do Centro Nacional de Recursos Textuais e Lexicais francês (cf. Ortolang 2012: <http://www.cnrtl.fr/definition/strat%C3%A9gie>, nossa tradução), segundo a qual uma *estratégia enunciativa* corresponde ao “conjunto das escolhas de produção linguística com vistas a levar

adiante uma intenção enunciativa”. Por outro lado, utilizaremos a definição de Haverkate (1984: 40, nossa tradução), para quem “as estratégias [linguísticas] são utilizadas cada vez que, ao produzir um ato de fala, o falante tem a possibilidade de escolher, entre um conjunto de opções, a realização concreta do ato de fala em questão”. Assim, entendemos que as escolhas do locutor quanto à utilização (ou não) de uma certa construção impessoal obedecem a diferentes estratégias, as quais, por sua vez, provêm de seus objetivos comunicativos e/ou enunciativos.

3 Elementos de descrição

Inúmeras razões, ligadas à situação de enunciação, podem levar um falante a não explicitar o referente do sujeito de um verbo:

o fato de não saber qual é esse sujeito, de não querer dizer quem é, de não lhe interessar, na situação considerada e tendo em conta as suas intenções comunicativas, porque prefere ocultá-lo por alguma razão, etc. (Matte Bon 1995: 41, nossa tradução).

Vamos, a seguir, apresentar algumas considerações a respeito das construções impessoais em português, concentrando nossa atenção naquelas em que a explicitação do referente do sujeito verbal é facultada ao falante – excluindo, portanto, desta discussão, as

construções intrinsecamente impessoais² e as construções com sujeito dito “oculto”³. Começaremos pelas construções com *alguém*.

3.1 *Alguém*

Em trabalhos anteriores (Santos 2012, 2013a, 2013b), tínhamos partido da hipótese de que o locutor utiliza *alguém* quando não conhece a identidade do sujeito verbal, mas deseja indicar que se trata de uma pessoa específica. Para verificar novamente essa hipótese, comparemos os dois exemplos seguintes:

- (1) a. *A Paula* sorriu.
b. *Alguém* sorriu.

Como se vê, em (1a) o referente do sujeito verbal é definido e identificável: o uso do artigo definido reforça a indicação (já fornecida pelo uso do nome próprio) de que esse conhecimento é compartilhado pelos interlocutores. Em (1b), em contrapartida, o referente é apresentado como não identificável – ao menos pelo interlocutor. Pode ser, como indicamos há pouco, que o locutor desconheça a identidade do sujeito verbal. No entanto, como nada na construção nos indica que assim o seja, devemos considerar, no máximo, que esse tipo de construção é ambíguo quanto ao conhecimento da

² Consideramos “intrinsecamente impessoais” as construções que são tradicionalmente reunidas sob o rótulo de “sujeito inexistente” ou, na abordagem da gramática gerativa, sob a etiqueta de “sujeito nulo de pronome expletivo” (ou *pro*). Trata-se, por exemplo, de certas construções com os verbos *dar*, *fazer*, *haver*, *parecer*, *ir*, *ser*, *ter*, além das construções com verbos que indicam fenômenos meteorológicos (*chover*, *ventar*, *nevar*, etc.).

³ Também chamadas, pela gramática gerativa, de construções de “sujeito nulo de pronome referencial (de referência definida ou arbitrária)”.

identidade do sujeito verbal pelo locutor. De fato, (1b) pode ter como encadeamento possível “mas não vou dizer quem”, o que mostra que o locutor conhece a identidade do sujeito do verbo. Observe-se, além disso, que a escolha do verbo nada muda com relação a essa interpretação de ambiguidade quanto ao (des)conhecimento da identidade do sujeito verbal pelo locutor:

- (1) c. *A Paula* telefonou.
d. *Alguém* telefonou.

Mais uma vez, a construção com *alguém* é ambígua, não havendo indicações quanto àquilo que o locutor sabe sobre a identidade do sujeito do verbo. Ao mesmo tempo, é importante observar que, tanto com relação a (1b) quanto com relação a (1d), o interlocutor pode reagir perguntando “*Quem?*”, o que mostra, uma vez mais, que o uso de *alguém* não indica de maneira clara se o locutor conhece ou não a identidade do sujeito verbal, pois o interlocutor pode fazer a hipótese de que seja o caso. Para ir um pouco mais longe, examinemos, agora, algumas construções interrogativas:

- (1) e. *A Paula* telefonou?
f. *Quem* telefonou?
g. *Alguém* telefonou?

Os exemplos acima permitem as seguintes interpretações: em (1e), a pergunta incide sobre o sujeito do verbo, que é indicado claramente – e que, por isso mesmo, indica que seu referente é informação compartilhada pelos interlocutores (pode ser o caso, por exemplo, numa situação em que se esperava um telefonema da

pessoa citada); em (1f), a identidade – e o referente – desse sujeito são desconhecidos (o pressuposto é de que pode ter havido um telefonema), enquanto em (1g) tanto o fato de ter havido um telefonema quanto seu autor eventual são foco da pergunta.

A comparação dessas construções com as construções afirmativas correspondentes traz informações interessantes:

- (1) h. *A Paula* telefonou.
- i. * *Quem* telefonou.
- j. *Alguém* telefonou.

Por razões evidentes – *quem* sendo reservado aos contextos interrogativos –, (1i) é inaceitável. Quanto a (1h), mantém-se o pressuposto presente em (1e) de que a identidade (e, portanto, o referente) do sujeito verbal é a informação conhecida e, do mesmo modo, em (1j) o referente e a identidade do sujeito permanecem não revelados ou explicitados, tal como era o caso em (1g).

No entanto, convém considerar os casos em que o locutor indica, por outros meios – como gestos ou expressões faciais –, que o referente do sujeito é o (ou um dos) interlocutor(es) ou uma outra pessoa presente na situação comunicativa, sem designá-lo(a) diretamente, como em (2):

- (2) *Alguém* [aponta com a cabeça] está muito triste hoje.

Como mostra este último exemplo, o referente do sujeito verbal é claramente identificado e explicitado em certos usos do pronome *alguém*. Não se trata, portanto, de um caso de uma forma de

impessoalização do sujeito: como indica Lopes (2006), entre muitos outros, *alguém* é sujeito simples: considerá-lo como indeterminado é com frequência o fruto de uma confusão entre critérios sintáticos e semânticos. O que nos permite manter *alguém* entre as formas de impessoalidade, portanto, não são critérios sintáticos, mas, antes, os critérios semânticos e pragmáticos que indicamos na introdução da secção 3 e que nos levaram a excluir dessas formas as construções “intrinsecamente impessoais” e as de sujeito nulo, e que podem ser resumidos na ideia de que o locutor não tem razões comunicativas e/ou enunciativas para indicar o referente do sujeito verbal ou, ao contrário, tem razões para não o fazer.

Mas essa rápida análise mostra, principalmente, que não cabe investigar os motivos que levam à escolha da construção utilizada, isto é, se a construção é escolhida devido ao desejo de não compartilhar o conhecimento ou devido ao desconhecimento da identidade do sujeito do verbo – e é por esta razão que não mais faremos referência a esses critérios no que segue.

Como veremos a partir deste ponto, são outros os fatores que permitem explicar as escolhas do falante, tais como, repetimos, seus objetivos comunicativos e/ou enunciativos. No caso de *alguém*, acreditamos poder dizer que sua utilização se dá nos casos em que a não explicitação do referente do sujeito não é importante ou pertinente numa dada situação, ou seja, nos casos em que os objetivos comunicativos e enunciativos do falante ancoram-se na descrição de um estado de coisas. Um outro critério a ser levado em consideração – este, evidente – é o fato de que, com *alguém*, o locutor apre-

sentam-se como estando excluído dos possíveis referentes (mesmo quando este não é, efetivamente, o caso).

3.2 *Tu/você*

O uso das formas de 2ª pessoa (*tu/você*⁴) ocorre nos casos em que o locutor apresenta o que diz como algo com um valor geral, sem necessariamente se incluir entre os sujeitos possíveis, mas convidando seu interlocutor a fazê-lo ou implicando que é esse o caso. Vejam-se:

- (3) A opção pelo português surgiu naturalmente. A razão é simples: o inglês torna-se muito vazio e impessoal para **dizeres** aquilo que **queres**. **Tu pensas** em português, **falas** em português, **sonhas** em português, faz todo o sentido! (...)⁵. (Martini 2008)
- (4) Eu acho que é preciso que *as pessoas* tenham responsabilidade porque, na medida em que **você** coloca a cara de uma pessoa em um jornal, sendo presa e algemada, e no dia seguinte **prova** que ela é inocente, é preciso que tenha *alguém* tenha a coragem de vir a público pedir desculpa, porque **nós** estamos cansados de ver injustiça acontecer neste país. (Instituto Lula 2011)

Não comentaremos o fato de que (3) é representativo do PE⁶, e (4) do PB⁷. Chamamos somente a atenção para o fato de que po-

⁴ Para efeitos de simplicidade de nossa descrição, consideramos, neste trabalho, que *você* é um pronome, sem entrar no mérito da questão.

⁵ Não nos interessaremos, no caso dos exemplos (3) e (4), pelo uso ou não do pronome explícito: trataremos da mesma maneira as construções de sujeito nulo e as construções de sujeito pronominal, por considerarmos que produzem os mesmos efeitos enunciativos.

⁶ Português Europeu.

⁷ Português Brasileiro.

demos encontrar ocorrências de *tu* no PB – em princípio com menor frequência e, em alguns casos, com algumas diferenças: o pronome tenderá a ser mais frequentemente expresso e o verbo poderá estar na 3ª pessoa do singular. Fatores sociolinguísticos (classe social, nível de escolaridade e região de origem do falante) permitem explicar essa variação. De modo semelhante, fatores sintáticos (a perda do sujeito nulo referencial, no PB, cf. Barbosa/ Duarte/ Kato 2005) explicam que o PB tenha uma tendência maior para preencher a posição de sujeito do que o PE.

No exemplo (4), é interessante observar a utilização de uma série de expressões impessoais: *as pessoas, você, uma pessoa, alguém, nós*. Esse encadeamento de marcas de impessoalidade permite ao locutor “esconder-se” atrás do enunciado, apresentando como genéricas observações de que não somente é o autor, mas sobretudo a fonte enunciativa (o locutor expressa uma opinião pessoal). Note-se, além disso, que a última dessas marcas (*nós*) é justamente aquela em que o locutor-enunciador se revela (ao incluir-se entre os referentes possíveis), mas somente parcialmente, pois o uso da 1ª pessoa do plural também tem por efeito a apresentação do conteúdo enunciado como tendo um valor genérico. Evidentemente, o funcionamento de cada uma dessas expressões mereceria ser aprofundado, assim como o efeito produzido por seu encadeamento – o que não faremos aqui, por razões de espaço.

3.3 *A gente/nós*

Ao utilizar *a gente*, o locutor confere a seu propósito um valor geral, incluindo-se, assim como seu interlocutor, entre os possíveis referentes do sujeito verbal. Note-se, portanto, que, ao utilizar *a gente*, o locutor implica que há vários referentes e que ele próprio é o único conhecido:

- (5) Deixa eu dizer para vocês uma coisa: a PF é uma instituição da maior respeitabilidade. *A gente* não pode julgar uma corporação por um equívoco de um delegado ou de um funcionário. (Matos 2009)

É nesse sentido que *nós* e *a gente* são equivalentes, pois *nós* também pode ser utilizado para dar ao enunciado um valor geral, o locutor incluindo-se entre os possíveis referentes do sujeito do verbo e sendo mesmo o único referente conhecido:

- (6) quando *a gente* quer ir à boate... *nós* vamos à Aracaju... (Martini 2008)

Evidentemente, em certos casos *a gente* pode incluir somente o locutor e um interlocutor único e, neste caso, ambos os referentes são conhecidos:

- (7) a. L1 – Então, Paulo, *a gente* se vê depois da chuva?
L2 – ‘Tá certo!

Também no caso de exemplos do tipo de (7) a alternância entre *nós* e *a gente* é possível:

- (7) b. L1 – Então, Paulo, *nós* nos vemos depois da chuva?
L2 – ‘Tá certo!

Do mesmo modo, pode haver casos em que *a gente* exclui o interlocutor do conjunto de referentes possíveis:

- (8) Visivelmente abalada e de poucas palavras, a namorada da vítima, Maiara Marins, de 24 anos, explica que ela e o estudante namoravam havia 4 anos e que ele sempre foi uma pessoa caseira. "**A gente** gostava de ficar em casa. No máximo, íamos a um restaurante e não gostávamos de ir para a balada", conta. (Simas 2011)

Além disso, *a gente* pode ser utilizado para permitir ao enunciador "esconder-se" atrás de um sujeito genérico:

- (9) L1 – Você entende bem do assunto!
L2 – Pelo menos, tenho tentado...
L1 – Com muita paixão e dedicação.
L2 – **A gente** sempre faz o que pode... e da melhor maneira possível. [*Corpus* pessoal]

Esse tipo de uso está certamente ligado a uma regra social de modéstia, segundo a qual um elogio deve ser minimizado ou rejeitado. De acordo com Kerbrat-Orecchioni (1994: 231, nossa tradução), no caso em que o segundo locutor é alvo de um elogio, "o acordo exprime-se, com frequência, de maneira atenuada", a generalização sendo uma das estratégias possíveis para marcar essa atenuação⁸. Observe-se também que, em (9), L1 já tinha começado a construir sua estratégia de minimização, em sua primeira intervenção.

⁸ Esse tipo de ocorrência também pode ser analisado à luz das noções de *dom* e *contra-dom* (cf. Mauss 1973), além da noção de *face work* (cf. Goffman 1967), que não exploraremos aqui.

Pode ser interessante comparar (9) e (4), tendo em vista que, nos dois casos, os locutores “se escondem” atrás de uma forma impessoal: a confrontação dos dois exemplos mostra que, mesmo se o efeito produzido é semelhante, os objetivos enunciativos que determinam a escolha de formas impessoais podem variar – acusar, no primeiro caso, não se mostrar arrogante, no segundo.

No que diz respeito à concordância, como se sabe é de praxe recomendar o uso da 3ª pessoa do singular com *a gente* e da 1ª pessoa do plural com *nós*. Mas, como também se sabe, variações ocorrem, *a gente* sendo usado com a 1ª pessoa do plural, tanto no PB quanto no PE e *nós* sendo usado com a 3ª pessoa do singular em dialetos não padrão do PB. Se fatores sociolinguísticos explicam esse tipo de variação, tais fatores podem igualmente explicar a escolha entre *a gente* e *nós*. De acordo com Duarte/ Barbosa/ Kato (2003: 406), *nós* fica restrito “à fala de informantes mais velhos com escolaridade alta”. Resultados semelhantes foram encontrados por Lopes (1998) e por Matos (2009), entre muitos outros.

3.4 *Todo (o) mundo/as pessoas/uma pessoa/3ª pessoa do plural*

Com as expressões em questão, o locutor pode excluir-se ou não do conjunto dos referentes possíveis:

- (10) *Todo mundo* vai ao circo – menos eu, menos eu⁹.
- (11) Se as companhias de seguro se negam a arriscar o seu dinheiro assegurando a indústria nuclear, por que se deve obrigar *as pessoas* a arriscarem as suas vidas?, questiona neste artigo Dietrich Fischer, director académico da World Peace Academy (Fischer, 2011).
- (12) Com marcação de 21 dias de antecedência conseguem-se preços de 30£ por quarto/noite! Neste caso, quando *uma pessoa* quer é dormir e sair para visitar o mais possível, acho que este “tratamento impessoal” destas cadeias de hotéis até é uma vantagem em relação aos famosos e típicos Bed&Breakfast britânicos... (Eugénio, 2010).
- (13) *Dizem* que a crise atingirá todos os setores.

A *3ª pessoa do plural* também pode ser utilizada para marcar um referente coletivo, como quando nos dirigimos a uma empresa, uma organização ou um corpo constituído de indivíduos. No entanto, em tais casos a 3ª pessoa do plural não adquire um valor impessoal, mesmo se o referente do sujeito ao qual nos dirigimos permanece um tanto indefinido, já que se trata de se dirigir a um coletivo, isto é, não se trata precisamente de se dirigir a um indivíduo – o que mostra, mais uma vez, a necessidade de diferenciar os critérios sintáticos dos semânticos na definição da categoria *sujeito verbal*.

Note-se ainda que, das expressões acima exemplificadas, *todo (o) mundo* é a única que apresenta um valor universal: as demais, embora sendo genéricas, apresentam sempre algum tipo de restrição quanto à abrangência dos referentes a considerar, podendo, to-

⁹ Versos iniciais da canção “O Circo”, do compositor Oscar da Penha (1924-1997), mais conhecido como Batatinha.

das, incluir ou não o locutor (o que exclui o locutor, no exemplo (10), é a expressão “menos eu”).

3.5 *Se/Ø*

Ao utilizar o pronome *se*, o locutor apresenta seu enunciado como tendo um valor universal, do qual está excluído:

(14) Eu aprendi a fazer o sulfato de cobre com que *se* sulfatava as vinhas (PE) [DKB, 406]¹⁰

(15) Nem nas quadras de escola de samba do passado *se* fazia rodas de partido alto. (PB) [DKB, 406]

Não discutiremos, aqui, questões relativas à concordância verbal nas construções com *se*, assim como não discutiremos os critérios que permitem diferenciar *se* indefinido de *se* indeterminado. Apenas gostaríamos de observar que, nessas construções, o apagamento e a consequente universalização do sujeito levam a uma construção em que o foco se encontra no estado de coisas expresso pelo verbo, mais do que no sujeito desse verbo.

No que diz respeito à variação PE/PB, podemos observar, com Duarte/ Kato/ Barbosa (2001), que as construções com *se* constituem a estratégia preferida no PE, ao passo que, no PB, essas construções são preferidas por falantes mais velhos e de escolaridade mais alta.

¹⁰ Os exemplos identificados pelas iniciais DKB foram extraídos de Duarte/ Kato/ Barbosa (2001).

Quanto ao sujeito nulo (aqui representado pelo símbolo “Ø”), cabe notar que ocorre em enunciados infinitivos, em alternância com o pronome *se*:

- (16) Os médicos receitam Prozac [para Ø atingir a felicidade] e o Viagra [para *se* ter potência sexual]. (PB) [DKB, 406]
- (17) Mas [para *se* usar o preto] (...) as fábricas de pigmentos tiveram que produzir o preto em barda. (...) [Para Ø ter a adesão total da imprensa] há muito trabalho por trás. (PE) [DKB, 406]

De acordo com Duarte/ Kato/ Barbosa (2001: 408), a ocorrência de *se* parece ser facilitada pelos contextos de infinitivos regidos por preposição, sobretudo *para* e *de*, “nas funções de adverbiais, relativas e completivas de nome, adjetivo e verbo”.

4 Considerações finais

Como vimos, além da atitude e das intenções do locutor, fatores sociolinguísticos – classe social, grau de escolaridade, idade do falante – são extremamente importantes para explicar a escolha da estratégia de expressão de impessoalidade que o falante utiliza. Do mesmo modo, o registro é um fator de extrema importância na determinação dos instrumentos que serão utilizados pelo locutor numa construção impessoal, assim como fatores sintáticos. Fatores como a atribuição de um valor geral ou particular ao enunciado, a inclusão ou não do locutor e do interlocutor e a abrangência do referente – que pode ser apresentado como genérico, coletivo ou particular – explicam, igualmente, a escolha de tal ou tal forma.

Com relação à exposição que acabamos de apresentar, cabe ao menos uma observação, relativamente ao fato de que essa descrição não tem a pretensão de ser exaustiva. Por exemplo, não mencionamos algumas outras formas de expressão da impessoalidade:

(i) **hiperônimo**

(18) *Mulher* não resiste a um amor impossível!¹¹

(ii) **1ª pessoa do singular**

(19) L1 – Paulo, pode dirigir descalço?

L2 – Pode. A lei diz que é proibido dirigir com calçado que não seja firme nos pés ou que comprometa o uso dos pedais. Então, se a lei não *me* proíbe de dirigir descalço, *eu* posso dirigir descalço¹².

(iii) ***há quem* + verbo no subjuntivo**

(20) *Há quem* acredite em milagres.

Como ocorre com os outros casos que comentamos, também com estes últimos a escolha dos instrumentos varia de acordo finalidade da estratégia linguística ou enunciativa do locutor. Assim, com o *hiperônimo* o locutor atribui um valor genérico ou universal a um propósito que apresenta como não lhe dizendo respeito; com a 1ª pessoa do singular, o locutor apresenta como sendo atribuível somente a si mesmo um enunciado que tem um valor genérico; com a

¹¹ Extraído de um anúncio do filme *Divã*, de José Alvarenga Jr. (Downtown Filmes, Brasil, 2009), divulgado nos meios de comunicação brasileiros em 2009.

¹² Adaptado de um informe publicitário divulgado nas rádios brasileiras em junho de 2013.

expressão *há quem*, o locutor indica referir-se a uma pequena quantidade de indivíduos. Neste caso, o enunciado não tem o valor geral que podem ter as outras formas de impessoalidade.

Também consideramos ser importante observar que nossa descrição toca – sem aprofundar – duas outras questões. Em primeiro lugar, a do uso de critérios semânticos para definir categorias sintáticas¹³ e, em segundo lugar, o fato de que as categorias *indefinido* e *impessoal* não remetem à mesma realidade.

Antes de concluir, gostaríamos de chamar a atenção para o fato de que, diferentemente do que ocorre em línguas como o francês e o italiano e à semelhança do que ocorre em espanhol, o português não permite a retomada do pronome pessoal sujeito de primeira pessoa do plural (*nós*) por uma forma impessoal¹⁴:

- (21) a. *Noi*, la domenica *si* lavora.
b. *Nous*, le dimanche *on* travaille
c. *Nosotros*, los domingos, *trabajamos*.
d. *Nós*, aos domingos, *trabalhamos*¹⁵.
- (22) a. L1 – Che fate?
L2 – *Sí* prepara la cena.
b. L1 – Qu'est-ce que vous faites?
L2 – *On* prépare le dîner.
c. L1 – ¿Qué estáis haciendo?
L2 – (*Estamos*) Preparando la cena.

¹³ Para uma análise dessa problemática no caso específico das construções impessoais, ver Lopes (2006).

¹⁴ As séries (21a)-(21c) e (22a)-(22c) são extraídas de Matte Bon (1995: 46), ao passo que os exemplos (21d) e (22d) são adaptações dessas mesmas séries, feitas por nossos cuidados.

¹⁵ A fim de manter o paralelismo da construção, mantivemos o pronome *nós* em posição inicial. Parece-nos, no entanto, que a construção com esse pronome em posição contígua ao verbo ("Aos domingos, *nós trabalhamos*") seria mais natural – ao menos no PB.

- d. L1 – O que (vocês) estão fazendo/a fazer?
L2 – (*Estamos*) Preparando/a preparar o jantar¹⁶.

Com relação aos exemplos (21a)-(21d), convém observar que, para as necessidades da exposição, decidimos manter o paralelismo sintático entre os quatro exemplos; assim, mantivemos o pronome *nós* em posição inicial em (21d). Parece-nos, no entanto, que é necessário levar em conta ao menos dois outros elementos:

- (i) o português permite uma retomada por *a gente*, o que daria

(21) e. *Nós*, aos domingos, *a gente* trabalha.

- (ii) a construção com o pronome em posição contígua ao verbo parece mais natural – ao menos no PB –, como se pode ver em

(21) f. Aos domingos, *nós* trabalhamos.

Assim, (21e) sendo perfeitamente admissível em português, é necessário ajustar a descrição de maneira a levar em conta o fato de que, se a retomada por um pronome nem sempre é possível em português, essa retomada é (ou torna-se) possível se se fizer por uma locução pronominal. De modo similar, a descrição desses fenômenos deve considerar o fato de que (21f) mostra, pelo contraste com (21d) e (21e), que as construções com o pronome em posição

¹⁶ Utilizamos o verbo “preparar” para manter o paralelismo com os exemplos originais. Julgamos, no entanto, que as respostas mais espontâneas utilizariam o verbo “fazer” (“estamos fazendo/a fazer o jantar”).

inicial são provavelmente mais naturais quando se trata de retomar elementos do enunciado precedente do interlocutor; por exemplo, em resposta a uma pergunta (eventualmente com uma entoação interrogativa):

- (21) g. L1 – O que *(vocês)* fazem aos domingos?
L2 – *Nós*, aos domingos, *a gente* trabalha.
L2 – *Nós?* Aos domingos, *a gente* trabalha.
L2 – *Nós?* Aos domingos? *A gente* trabalha.

Como se vê, a descrição desses fenômenos vai bem além do que aqui propusemos. É por isso que gostaríamos de sublinhar, por fim, que uma descrição desses fenômenos, nessa perspectiva, deve ser amparada por uma descrição dos *atos de fala* da língua portuguesa, tal como a proposta por Johnen (2012), ou seja, uma descrição dos tipos de atos de fala e de suas funções convencionais ou convencionalizadas.

Referências bibliográficas

Referências teóricas

Barbosa, Pilar/ Duarte, Maria E. Lamoglia/ Kato, Mary A. (2005): “Null subjects in European and Brazilian Portuguese”, in: *Journal of Portuguese Linguistics* 4, 2, 11-52, disponível online: <https://jpl.lettras.ulisboa.pt/articles/abstract/10.5334/jpl.158/> (20 junho 2021).

Carrilho, Ernestina (2003): "Construções de expletivo visível em Português europeu (não-padrão)", in: Veiga, Alexandre (ed.): *Gramática e Léxico em Sincronia e Diacronia: Um contributo da Linguística portuguesa*. Santiago de Compostela, Espanha: Universidade de Santiago de Compostela, 29-38, disponível online:

http://clul.ulisboa.pt/files/ernestina_carrilho/ernestina_carrilho_2003a.pdf (15 maio 2021).

Cunha, Joana/ Santos, Liliane (2021): "Elaboração de Materiais Didáticos para o Ensino de Português Língua Não Materna numa Perspectiva Comunicativa: Uma Proposta", in: Teixeira, Madalena/ Tavares, Teresa Cláudia/ Gorgulho, Ana Rita/ Macário, Maria João/Rodrigues, Patrícia/ Santos, Leonor (eds.): *Anais do VI Simpósio Mundial de Estudos da Língua Portuguesa: Da união à diversidade*. Santarém: Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém, vol. 2, 2055-2072, disponível online:

<https://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/3891/2/Anais%20VI%20SIMELP%20-%20Tomo%202%20%281%29.pdf> (28 abril 2024).

Duarte, Maria E. Lamoglia/ Kato, Mary A./ Barbosa, Pilar (2001): "Sujeitos indeterminados em PE e PB", in: *Boletim da Associação Brasileira de Linguística* 26, n. especial, 405-419, disponível online:

<https://web.archive.org/web/20240415140531/https://abralin.>

org/site/wp-content/uploads/2020/03/ABRALIN_26.pdf (28
abril 2024).

Franchi, Carlos/ Negrão, Esmeralda Vailati/ Viotti, Evani (1998):
"Sobre a gramática das orações impessoais com *ter/haver*", in:
D.E.L.T.A. 14, n. Especial, 105-131, disponível online:
<https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/43395/28866> (12 de maio 2024).
DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-44501998000300009>

Goffman, Erving (1967): *Interaction ritual: Essays on face-to-face behavior*. New York: Doubleday Anchor.

Gonçalves, Alberto (2002): "Uma análise de sujeitos genéricos nulos de terceira pessoa do singular em sentenças finitas raízes no Português Brasileiro", in: *Working Papers em Linguística* 6, 30-54, disponível online:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/download/6117/5663> (15 maio 2021).

Haverkate, Henk (1984): *Speech acts, speakers and hearers: Reference and referential strategies in Spanish*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins.

Ilari, Rodolfo (2010): "Os pronomes do português brasileiro, algumas comparações", in: *Estudos Linguísticos* 39, 1, 314-330, disponível online:

http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/39/v2/EL_V39N1_24.pdf (10 abril 2017).

Johnen, Thomas (2012): "Os atos de fala numa gramática comunicativa do português", in: Silva, Roberval Texeira e / Yan, Qiarong / Espadinha, Maria Antónia / Leal, Ana Varani (eds.): *Anais do III SIMELP: A formação de Novas Gerações de Falantes de Português no Mundo, Simpósio 14: Gramática comunicativa da língua portuguesa*. Macau: Universidade de Macau, 37-50, disponível online: <http://simelp.fflch.usp.br/sites/simelp.fflch.usp.br/files/inline-files/anais-III-SIMELP-323-348.pdf> (15 maio 2021).

Kerbrat-Orecchioni, Catherine (1994): *Les interactions verbales, Tomo 3: Variations culturelles et échanges rituels*. Paris: Armand Colin.

Lopes, Célia R. dos Santos (1998): "Nós e a gente no português falado culto do Brasil", in: *D.E.L.T.A.* 14, 2.
DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-44501998000200006>

Lopes, Mônica A. Lima (2006): "A análise do sujeito indeterminado: o problema de critérios semânticos na descrição de funções sintáticas", in: *Cadernos do CLF* 9, 15, 9-16, disponível online: <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/15/01.htm> (10 janeiro 2018).

Matte Bon, Francisco (²2015 [1995]): *Gramática Comunicativa del español: De la idea a la lengua: Tomo II*. Madrid: Edelsa.

Mauss, Marcel (1973): "Essai sur le don: Forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques", in: Mauss, Marcel: *Sociologie et Anthropologie*. Paris: PUF, 149-279.

ORTOLANG (Outils et Ressources pour un Traitement Optimisé de la Langue), Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales (2012): "Stratégie", disponível online: <http://www.cnrtl.fr/> (08 fevereiro 2018).

Santos, Liliane (2008): *Para uma Gramática Comunicativa da Língua Portuguesa*. Conferência de abertura dos trabalhos do grupo de pesquisa Gramática Comunicativa do Português. Por videoconferência. Lille: Universidade de Lille 3, 26 novembro 2008.

Santos, Liliane (2011): "Ensino de português para estrangeiros e gramática comunicativa: dos enunciados gramaticalmente corretos aos enunciados idiomáticamente adequados", in: *Estudos Linguísticos* 40, 2, 715-725, disponível online: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1333/876> (4 janeiro 2018).

Santos, Liliane (2012): "As formas de expressão da impessoalidade em Português: uma proposta de descrição na perspectiva da gramática comunicativa". Silva, Roberval Texeira e/ Yan,

Qiarong/ Espadinha, Maria Antónia/ Leal, Ana Varani (eds.): *Anais do III SIMELP: A formação de Novas Gerações de Falantes de Português no Mundo, Simpósio 14: Gramática comunicativa da língua portuguesa*. Macau: Universidade de Macau, 28-36, disponível online:
<http://simelp.fflch.usp.br/sites/simelp.fflch.usp.br/files/inline-files/anais-III-SIMELP-323-348.pdf> (20 junho 2021).

Santos, Liliane (2013a): "A descrição das construções impessoais em português na perspectiva da gramática comunicativa: algumas observações", in: Galvão, Vânia Cristina Casseb et al. (eds.): *Anais do IV Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa. SIMELP: Língua Portuguesa: ultrapassando fronteiras, unindo culturas*. Goiânia: FUNAPE, 1645-1653, disponível online:
http://simelp.fflch.usp.br/sites/simelp.fflch.usp.br/files/inline-files/simposio_34.pdf (15 maio 2021).

Santos, Liliane (2013b): "Algumas observações em torno da descrição das construções impessoais em português numa perspectiva comunicativa". Comunicação no *10. Deutscher Lusitanistentag: Migration und Exil. Sektion 13: Kommunikative Grammatik und Portugiesisch als Fremd- und Zweitsprache in einer mehrsprachigen Welt*. Institut für Romanistik, Universität Hamburg (Alemanha), 11.-14. September, 13 de setembro de 2013.

Suso López, Javier (2004): "La grammaire et les descriptions de la langue: la réflexion sur le fonctionnement de la langue favorise-t-elle l'apprentissage du FLE?", in: Suso López, Javier (ed.): *Phonétique, lexique, grammaire et enseignement-apprentissage du FLE*. Granada: Método, 215-258.

Wilkins, David A. (1974): *Second-Language Learning and Teaching*. London: Edward Arnold.

Corpus

Eugénio (2010): "Scotland", in: *Migrant_Script* (20 de novembro de 2010), disponível online:
<http://migrantscript.blogspot.fr/2010/11/scotland.html> (12 fevereiro 2018).

Fischer, Dietrich (2011): "Nuclear: Por que devem as pessoas arriscar as suas vidas?", in: *Esquerda* [online] (28 de Março, 2011 – 17:32h), disponível online:
<http://www.esquerda.net/artigo/nuclear-por-que-devem-pessoas-arriscar-suas-vidas> (15 maio 2021).

Instituto Lula (2011): *Veja na íntegra a declaração de Lula sobre a atuação da PF*. (13 de agosto de 2011, 9h21), disponível online:
<https://web.archive.org/web/20181226010750/http://www.institutolula.org/veja-na-integra-a-declaracao-de-lula-sobre-a-atuacao-da-pf> (12 de maio 2024).

Martini, Linda (2008): "A caminho da aparição", in: *Rua De Baixo* [online] (19 de novembro de 2008, 14h13), disponível online: <http://www.ruadebaixo.com/linda-martini.html> (12 fevereiro 2018).

Matos, Maria Z. M. de Santana (2009): "A especificidade do sujeito pronominal na fala urbana itabiense", in: *Estudos Linguísticos* 38, 2, 313-327, disponível online: http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38_N2_25.pdf (31 janeiro 2018).

Simas, Fernanda (2011): "A gente gostava de ficar em casa', diz namorada de Felipe". *IG: Último Segundo – Brasil*. (19 de maio de 2011), disponível online: <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/sp/a+gente+gostava+de+ficar+em+casa+diz+namorada+de+felipe/n1596965197635.html> (12 fevereiro 2018).



Zwickauer Forum Interkulturelle Kommunikation und Sprache

Nr. 6

**Gramática Comunicativa
e Ensino de Português Língua Não Materna
num Mundo Multilíngue**

Estudos

In Memoriam

do Professor Doutor João Malaca Casteleiro

Thomas Johnen

Liliane Santos

Jürgen Schmidt-Radefeldt (eds.)

Zwickau

**Westsächsische Hochschule Zwickau,
Fakultät Angewandte Sprachen und Interkulturelle
Kommunikation
2025**

ISBN: 978-3-946409-07-6

DOI: 10.34806/9783946409076

Sumário

O Professor Doutor João Malaca Casteleiro – pioneiro da gramática comunicativa

Thomas Johnen, Liliane Santos e Jürgen Schmitt-Radefeldt8

Monsieur le Professeur João Malaca Casteleiro – un pionnier de la grammaire communicative

Thomas Johnen, Liliane Santos, Jürgen Schmidt-Radefeldt 33

João Malaca Casteleiro – ein Pionier der kommunikativen Grammatik

Thomas Johnen, Liliane Santos, Jürgen Schmidt-Radefeldt 59

Homenagem ao Professor Doutor João Malaca Casteleiro, eminente lexicólogo português, e meu amigo (Teixoso, Co- vilhã, 1936 – Lisboa, 2020)

Jürgen Schmidt-Radefeldt 88

Alguns aspetos de uma gramática comunicativa do Portu- guês e sua contribuição para um ensino mais eficaz da lín- gua a aprendentes estrangeiros

João Malaca Casteleiro 95

Observações sobre gramáticas comunicativas ou do diálogo incluindo sinais interactivos

Jürgen Schmidt-Radefeldt117

Um caso harmônico de aprendizagem da língua portuguesa e suas variantes através da gramática comunicativa em aulas de PLE na Universidade de Huelva

Giselle Menezes Mendes Cintado.....148

As histórias digitais no contexto do ensino do Português no estrangeiro – um contributo para o fomento da comunicação

Fátima Isabel Guedes da Silva e Estela Pinto Ribeiro Lamas..... .167

O ensino de PLE a deficientes visuais espanhóis

Lilian dos Santos Ribeiro..... 195

Das einfache Futur in ausgewählten Grammatiken und Lehrbüchern des Portugiesischen, Spanischen, Französischen und Italienischen aus dem deutschsprachigen Raum

Karin Weise..... 223

Avaliação da competência comunicativa oral de estrangeiros em português língua estrangeira/segunda língua: contribuições para a formação docente

Alexandre do Amaral Ribeiro 266

**Algumas observações em torno da descrição da construções
impressoais em português numa perspectiva comunicativa**

Liliane Santos 292

**Respostas curtas assertivas numa gramática comunicativa
do português**

Thomas Johnen..... 322

Entdeckungen im ILB: «eucalipto». in aller Munde

Gunther Hammermüller..... 384

**Bibliografia seletiva da obra do Professor João Malaca
Casteleiro**

*Jasmin Göthel, Thomas Johnen, Liliane Santos e Jürgen Schmidt-
Radefeldt*..... 433

**Sobre as autoras e os autores deste volume/
Über die Autorinnen und Autoren dieses Bandes**..... 475



Zwickauer Forum Interkulturelle Kommunikation und Sprache

(ISSN 2700-5968)

<http://www.fh-zwickau.de/zwiksprache>

- Nr. 1:** Sabine Dieng-Weiß (2019): *Spanische Fachkräfte in der Krankenpflege in Deutschland: Erfahrungen und Erwartungen.*

ISBN: 978-3-946409-03-8; DOI: 10.34806/q7yr-7c44

<https://d-nb.info/1210446189/34>

Resumen en español.

- Nr. 2:** Julia Gelinski (2019): *Interkulturelle Erfahrungen deutscher Studierender in spanischen Unternehmen.*

ISBN: 978-3-946409-01-4; DOI: 10.34806/rfv9-b177

<http://d-nb.info/1216496854/34>

Resumen en español.

- Nr. 3:** Thomas Johnen (2019): *Nominale Anredeformen in Fernseh-wahlduellen: ein multilingualer Vergleich.*

ISBN: 978-3-946409-02-1; DOI: 10.34806/19wq-t276

<https://d-nb.info/1210449269/34>

Resumo em português.

- Nr. 4** Bao Trang Ngo (2021): *Integration der Vietnamesen in Ost-deutschland: Deutsche und vietnamesische Sichtweisen in qualitativen Interviews.*

ISBN: 978-3-946409-05-02; DOI: 10.34806/x4gd-gm78

<https://d-nb.info/123599273X/34> **Trình tượng trong tiếng Việt.**

- Nr. 5** Thomas Johnen/ Christopher Mattern/ Jasmin Wunderlich (red.) (2023): *Portugiesisch - Globale Sprache des 21. Jahrhunderts: Kulturen, Literaturen, Wissenschaft und Wirtschaft: Abstracts der Vorträge auf dem 15. Deutschen Lusitanistentag, 19.-23. September 2023, Westsächsische Hochschule Zwickau; Português - Língua global do século XXI: Culturas, Literaturas, Ciência e Economia; Caderno de resumos do 15º Congresso Alemão de Lusitanistas, 19 a 23 de setembro de 2023, Universidade de Ciências Aplicadas de Zwickau.*

ISBN: 978-3-946409-08-3; DOI: <https://doi.org/10.34806/679p-3b04>;
<https://d-nb.info/1312838353>

- Nr. 6:** Thomas Johnen/ Liliane Santos/ Jürgen Schmidt-Radefeldt (eds.) (2025): *Gramática Comunicativa e Ensino de Português Língua Não Materna num Mundo Multilíngue: Estudos In Memoriam do Professor Doutor João Malaca Casteleiro.*

ISBN: 978-3-946409-07-6; DOI: 10.34806/9783946409076

Zusammenfassungen auf Deutsch

- Nr. 7:** Carlos Roberto de Oliveira Lima/ Gabriel Silva Xavier Nascimento/ José Raimundo Rodrigues (Orgs.) (2025, no prelo/ im Druck): *Fontes para outras histórias da educação dos surdos.*

ISBN: 978-3-946409-09-0;

Abstracts in English; Zusammenfassungen auf Deutsch